

**SEMINÁRIOS DA
CULTURA**



**ATA DO SEMINÁRIO DA CULTURA - ESCUTAS DA SOCIEDADE CIVIL PARA
ELABORAÇÃO DO PAAR – PNAB 2024.**

Aos 24 (vinte e quatro) dias do mês de maio de 2024, às 14:30h, reuniram-se, de forma presencial e virtual na Sala Culturas Populares de número 01 do Bloco B do Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, cito a Avenida Pedro Teixeira, 2565, – Dom Pedro – Manaus/AM, CEP 69058-785, conforme divulgação em rede social, portaldoam publicada no dia 21/05/2024. A reunião de escuta do coletivo Culturas Populares (carnaval, folclore, artesanato, danças, cultura alimentar, capoeira), HipHop e Artes Visuais, teve como mediadores: Dudson Campos Carvalho e Wellison Brito Batista (Camaleão), Marly Nascimento Nogueira Rodrigues como representantes da Sociedade Civil, e Cristina Helena Maia de Oliveira, servidora da Secretaria de Estado da Fazenda, como representante do Poder Público. Como apoio à mediação destes Conselheiros, Tina, como intérprete de Libras Yona Kelly e Caroline Rodhis, e para secretariá-los com esta Ata, Luiza Angélica Oliveira Guglielmini. Os trabalhos tiveram início com Wellison fazendo a leitura do Guia de Apoio às Escutas, fazendo também a apresentação da Equipe de Apoio. Em seguida, passou o trabalho à Dudson, que se apresentou e pediu para os segmentos se apresentarem para contribuir, passando então a ler as questões norteadoras, para que individualmente, seja agregado as informações dos participantes, alegando que a construção do atual processo, é de todos. Passa a palavra à Marly Nogueira, suplente do Elson, do Folclore/Carnaval, que se apresenta, é de Itacoatiara e pede que haja a contribuição de todos para melhorar os editais no sentido de melhorias. Alerta que a fala de todos está assegurada. Dudson segue a leitura do Guia de Apoio sobre o fomento que a PNAB prevê. E passa para a plenária dizer, quais os tipos de ações mais necessárias nesse momento e a forma de divisão das vagas.

Pede a palavra Astro da cadeira HipHop e sugere que seja feito editais com festivais e a questão financeira. Gabriel do Hip Hop, concorda que deve ter festivais e feiras culturais porque o HipHop é transversal, abrangendo várias situações de fomento à cultura, e se está aqui pelo sentimento de afeto à arte, com muitos jovens de periferia sonhando em viver da arte. Gabriel da Capoeira pensa que precisa focar os recursos em formação de agente cultural, pois em 5 anos se não tiver gente formada para captar recursos, para não ficar precisando de política de fomento, é preciso então focar em ações de fortalecimento dentro das organizações. É preciso promover formação na periferia, o valor mínimo para esses editais, é preciso ser revisto, pra uma oficina de berimbau tem que ter o valor, inclusive, para pagar o mateiro que

busque o material, pois esse conhecimento muitas vezes foi perdido. A capoeira gosta muito trazer mestres de outros estados, é preciso captar para se ter essa noção de zoneamento. Como dividir isso de forma melhor? Já passou do tempo de cuidar dos editais por meio de bacias hidrográficas, demograficamente não há padrão, mas o Amazonas muitas vezes é feito o zoneamento pelo rio, e fica a sugestão de tratar isso pelas calhas de rio. Michael Andrade do HipHop fala que esses 14 itens já estão previstos na PNAB, deixa como sugestão o edital Feliciano Lana em sete níveis contemplados em valores, havia os subsegmentos contemplados em valores.

Carlos Jorge do Carnaval (Barquinho), quer complementar sobre expandir mais o conhecimento sobre a cultura popular que abrange todos, e que a própria secretaria, SEC, poderia fazer uma cartilha dizendo o que é HipHop, o que é Carnaval, o que é Festa Junina, e assim sucessivamente, e assim, nós segmentos espraiasse isso para os interiores e aqui mesmo em Manaus, que não conhece, não sabe falar das Festas Populares. É importante uma parte desse dinheiro, ser usado em editais para se ter a cartilha, para se aprender a falar a respeito da Cultura Popular do Amazonas. Também fala sobre a possibilidade de ter uma grade de conhecimento para as escolas públicas dentro do Estado, para que as crianças soubessem também, aprendesse sobre a Cultura Popular Brasileira, em especial sobre o nosso torrão Amazonas.

Há uma intervenção online, Joseph de Coari, fala que o dinheiro é destinado para uma atividade de valorização do artista, ele não chega da forma como deveria, para impactar positivamente a pessoa que se dedica. Outra situação é sobre a questão da formação das crianças e dos adolescentes. Tina vai ler o que a Keila do artesanato de Santa Isabel do Rio Negro colocou no chat por estar com problema de microfone: "Sugiro que seja realizado conforme os editais da Lei Paulo Gustavo, pois todos concorrem de acordo com as suas especificidades e de acordo com as realidades. R não haver desequilíbrio".

Otto fala a respeito da questão do tempo de aplicação do edital, um projeto contemplado tem o valor fixo ou não? Também em relação aos itens, pois no edital passado existia as mesmas categorias apontadas, e você que tem um projeto macro, tem que inscrever o CNPJ em uma única possibilidade de ação, sugere que seja possível a inscrição em todas as possibilidades, inclusive as responsabilidades fiscais, pois 27,5% já está comprometido, e poderia ser visto a possibilidade do setor cultural deixar de ter esse tipo de obrigatoriedade, já há um projeto de lei aplicada em outro estado para caminhar nessa perspectiva. Marly esclarece os questionamentos de Otto e Dudson também fala a respeito do sequencial dos editais e da importância da união dos segmentos para a construção da política pública de Estado, para não ficar a mercê dos Governos. Glícia da Moda apresenta seu segmento por achar importante, diz que tem a vivência do Carnaval por meio de duas tias, e sente que seu segmento Moda, precisa ter atuação, e passou a fazer isso ano passado, é discriminizada por ser considerado um segmento fútil. Mas o que fazer com o lixo

têxtil, é o segundo maior poluidor do mundo, visto por imagem de satélite. Ontem no audiovisual entenderam a divisão pelas duas formas e também pelas calhas de rio. O Conselheiro Dudson, sugere que haja um edital voltado para a Moda.

Alessandro do HipHop propõe os moldes da Lei Paulo Gustavo, que para o HipHop foi interessante, também, a forma como foi proposto no Feliciano Lana. Também faz a proposição da arte urbana, e apresenta a lei estadual que trabalha a necessidade do fomento deste segmento e também a lei municipal, mas que não houve mais nenhuma situação nesse sentido de promoção.

Andarilha se apresenta e faz a proposição da necessidade de dividir o recurso através dos segmentos, como foi falado pela colega on line. Houve um edital da SEC dividido por ações e foi terrível, e todo mundo sabe que não funcionou. A Paulo Gustavo funcionou e sugere que seja continuada desta forma. Na Conferência Nacional de Cultura, foi aprovada que dentro da PNAB fosse repassado 30% para a cultura popular devido suas múltiplas práticas. E minha pergunta é como isso vai funcionar aqui no Amazonas? É um setor muito amplo, e é importante trazer a recomendação da divisão que consiga contemplar a complexidade deste setor.

Mário Jorge fala que sua preocupação é fazer cultura, e está a 35 anos no Carnaval, é um apaixonado pela Cultura do Samba. A prática do passado foi justamente esperar pelo Poder Público e pela aquela merreca em cima da hora. O Samba precisa de fomento para formação, o samba apresenta todas as modalidades de arte, música, dança, artes cênicas, costura, haja tecido, e arte para fazer uma fantasia bem acabada. Então que se abra editais nas artes correlatas do samba. Também há carência de material, como a Escola de samba da Alvorada, cujo o únicos ativos são seus instrumentos de percussão, pede que se abra editais para aquisição desses instrumentos. E o desfile minha gente, custa caro, e o custo amazônico, acaba fazendo com que se peça emprestado cartão de crédito a terceiros para execução do trabalho. Assim o desejo é que o PNAB possa vir a sanar essas dores.

Paulo Holanda das Artes Visuais do Estado pede a palavra e fala da importância dos segmentos estarem sendo contemplados. Em relação a curadoria, não há editais específicos, as pessoas pensam que é só selecionar e não é isso. Percebe que há uma necessidade de formação, e em como ela vai ampliar e melhorar a qualidade dessas produções. Também a necessidade de memória em nossa cidade, porque não há produção de catálogos, e isso dá uma dificuldade em saber o que foi produzido na memória do Estado, pede também a volta dos salões de artes, ano passado foi premiado no Rio Grande do Sul, e é possível trabalhar várias linguagens nesses Salões.

Conselheiro Vander online pede a palavra e diz que o movimento HipHop é muito grande e deveria ter um percentual maior, porém a capoeira que é uma arte centenária, também deveria ter um percentual igual, uma arte não pode se sobrepor a outra, e essa é sua contribuição.

Márcio Almeida online, do setor artesanato, foi delegado na 4ª. CNC, pede a palavra e diz que representa mais de 7mil artesãos, diz que não há nada expresso nos editais, sugere que seja feito nos moldes do edital Feliciano Lana, pede um edital específico para artesanato.

Deni também no online sugere que haja uma vedação dentro do edital HipHop, pra que os contemplados sejam de dentro do movimento HipHop. Há pessoas que só querem captar recurso e nem são do movimento HipHop.

Renato Barros pede a palavra para fazer a recomendação para o que seja a descriminalização da cultura popular, é preciso haver programas que falem do impacto social positivo que as artes das culturas populares trazem para a sociedade, também a retirada do imposto que já é aplicado em outros lugares e não ocasiona perdas as prefeituras. Também quer como leigo aprender a fazer o projeto e concorrer a edital de igual com os que já estão por aí, pede formação para isso.

O Conselheiro Dudson pede que o ponto das cotas seja refeito para igualar a questão do povo negro aos indígenas. Em seguida vai ao próximo ponto que fala sobre a relação dos valores de contemplação aos editais por linguagens, o de Hip Hop acha viável é de 30 a 150 mil reais, o Folclore/Carnaval seria aproximadamente o valor de 50 a 200 mil reais, a Capoeira sugere que seja de 30 a 150 mil reais.

Gabriel da Capoeira pede a palavra para falar das diferenças de pessoas que precisam de recursos sementes, e precisam somente para começar a gerir recurso numa oficina pontual, e começar a 30 mil as vezes é difícil para as pessoas e sugere que inicie em 15 a 150 mil reais os projetos.

Oto fala que se baixar o valor pode ser prejudicado lá na frente com o imposto, a acessibilidade, e isso faz o valor ser irrisório. A representante da Capoeira fala que para fortalecer as pessoas do movimento na Capoeira, num batismo por exemplo, na sua opinião é a que seja no mínimo 30mil reais. Rodiane Lima pede a palavra para dizer que os descontos e os gastos em um projeto básico de Capoeira, 15mil é muito baixo, nunca realizou projeto, mas já participou e acha que é muito baixo, sugere que seja 30mil o teto mínimo até 150mil reais. Andarilha fala que sua experiência em eventos de corpo, o valor mínimo realmente é 30mil, pois é preciso pagar as pessoas alugar sonorização, iluminação, já que o Maracatu tá misturado, sugere que seja posto o mínimo de 30mil até 150mil reais.

Valdir Jr. se apresenta e fala com o Festival Folclórico Marquesiano, que é uma manifestação que recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial do município e do Estado do Amazonas, faz coro à Professora Andarilha que diz que o valor mínimo é de 30mil reais e atendendo a maioria é 150mil para tentar atender ao máximo possível as situações, mas entende a fala do Mestre Jorge, é importante que se esteja juntos para pleitear as falas e aqui a galera da cultura popular, pois em grande parte os artistas desse movimento, não tem salário, e não recebe a contrapartida financeira

por esse serviço tão importante socialmente. Se agora só é possível até 150mil, tudo bem, depois, quando for possível vamos recorrer as 200mil reais, porque ideias não faltam para utilizar a verba. Marly pede a fala, para dizer que 30mil é pouco, porque há a parcela do imposto, pensa que o valor mínimo deva ser 50mil reais e o máximo 150mil reais.

Marcelo Dias pede a palavra para explicar o gráfico pizza dentro da Política Nacional Aldir Blanc, sugere o projeto de 5 anos, que façam a longo prazo, no primeiro ano, faço o quê, onde estou, no ano 2 faço o quê, onde estou? E pensar que a PNAB não é tábua de salvação, é preciso buscar outras situações. Aqui não é projetinho pra concorrer a um editalzinho. Então pensem médio, vai até 5 anos. Agradece a oportunidade de acompanhar e até avaliar como está acontecendo o processo. Agora é o momento de fazer o ajuste dessa pizza, amanhã já é devolutiva, deve vir uma solicitação de sua categoria e isso deve ser lançado na ata. É preciso hoje a noite ler a Lei e vir amanhã para a devolutiva, aqui há um quórum qualificado e é preciso compor para trazer ideias. Marcelo também entende que tem que fazer algumas devolutivas e foi olhar os patrimônios dos primos, porque o CAUA é da UFAM, Governo Federal também por isso chamei de primo. E a ideia é fazer vários espaços no equipamento cultural, incluindo a dormida solidária. Marcelo diz que vai transformar no Largo do MinC, igual ao Largo da SEC e o Largo da Prefeitura. Diz que vai levar todo mundo para conhecer o espaço.

O representante da Escola de Samba diz que há problemas com dívida ativa da União, a Alvorada, a qual representa, herdou 450mil reais de dívida, conseguiu sanar 150 mil, como o Ministério pode me ajudar? Somos fazedores de cultura e não fazedores de renda... Há buscas de recursos para realizar? Então fica a pergunta.

Fala do Marcelo, boa parte era o refiz, eu entendo também que o executante pode ser outro, ou parceiro, se cai no cadin não tira. Se está pagando regularmente, está passando, está tranquilo.

Sugestão da Glicia, editais específicos para moda: editais profissionalizantes, edital de pesquisa e edital para produção de grandes eventos, como desfiles ou fashion filmes, algo que possam utilizar, podemos trabalhar com valores de 15 mi a 50 mil aos profissionalizantes e de pesquisa, de 30 mil a 150 mil os de produção de grandes eventos. Um pesquisador sozinho pode resolver, se tiver que ir para interior com equipe, poderá gastar mais. Recursos transporte, contratar e para profissionalizar. O Edital para grandes eventos, que começa em 50 mil reais. Que os editais da moda sejam feitos dessa forma.

Na categoria de artes visuais, Paulo sugere que seja de 30mil a 100mil reais. E Gabriel da Capoeira, pede na memória da reunião a sugestão que se tenha um valor previsto aos mestres e mestras pra valorização, e que seja transversal à Cultura Popular. Jarbas (Lobão) da Cultura HipHop fala que o Edital Aldir Blanc de 2020 teve

teto de até 200mil, e contemplou a cultura HipHop e houve uma inflação, por isso é importante que isso seja levado em conta.

Mário Jorge do samba, quer firmar que de 50mil a 200mil reais é o piso mínimo para o fazedor de cultura realizar.

Michael Andrade pede para deixar registrado que se possa ter um espaço para a cultura HipHop, os elementos principais e as subcategorias de cada elemento, nesses 2% para que a cultura HipHop tenha seu próprio espaço, já que é patrimônio imaterial e esse ano foi agraciado com o dia da cultura HipHop.

Barquinho diz que o último Carnaval que fez foi antes da covid, e foram campeões, esse ano, tudo de carnaval aumentou 400%, pede pra que fique registrado, que está pedindo de 70mil a 200mil seja o teto do Carnaval, porque se pedir menos é fora da realidade. Pede que fique registrado a fala do Governo (federal, estadual e municipal) com os bancos para que seja visto essa questão do imposto.

Dudson sugere igualar os valores capital e interior. Paulo pede a palavra para falar dos valores que não podem ser igualados. O frete para chegar em Manaus é um, imagina no interior. Paulo exemplifica o valor dado pela sala LGBT ontem quando de sua coordenação. Tina pede a palavra para esclarecer que quem propõe o projeto no interior tenha o mesmo valor de quem propõe o projeto na capital.

Alguém diz que quanto mais distante da capital, maior é o valor mas é preciso pensar na demanda da capital que é maior do que no interior. Se essa verba é destinada de forma igual, mas se não for usado que ele retorne a capital mas que não fique na Secretaria de Cultura retorne aos segmentos. Tina esclarece que isso já acontece, o recurso retorna e é chamado os cadastros de reserva.

Dudson encaminha que fique claro e registrado a possibilidade de se abrir os valores diferenciados ao interior do Estado, sugestão de 3 pessoas da plateia. Em seguida, encaminha as falas para as áreas periféricas, e Paulo pede a fala para entender o que é periférico, pois existe a sociodemográfica, que culturalmente pode não ser periférica, é entender que aqui a periferia é cultural e não geográfica.

Gabriel do HipHop, fala que vem da batalha de rima fala que essa pode ser a única entrada para o mundo da música, acontece nas regiões culturais, e nessas áreas falta muita infraestrutura, e essas pessoas se movimentam junto com a vizinhança que sempre tá olhando e batalhando. Outra contribuição é sobre os atores da periferia, e pode se levar em conta a localização dessas moradias, se for da periferia, que tenha uma pontuação diferenciada.

Marly esclarece que já vem destinada na PNAB 20%, a pergunta é de que forma isso deve chegar nas áreas periféricas, é isso que se pede. Andarilha pede a palavra para dizer que a periferia cultural, as comunidades negras por mais que se localizem numa centralidade como o Quilombo da Praça 14, a questão social e econômica pesa,

apesar da cultura própria, por mais que estejam perto do centro, não significa que tenham acesso aos equipamentos. Em que pese a questão da periferia, deve levar em conta a questão econômica do proponente. Barquinho diz que ser periférico pesa demais, morou na Alvorada e segue na periferia e fala da discussão que é preciso desmistificar a discussão da área periférica, todos somos iguais, desvincula essa fala, todos somos iguais, pede que sejamos sem discriminação. Dudson esclarece que os quilombos estão contemplados. Andarilha diz que se refere aos conceitos socioeconômicos. Gabriel HipHop pede um adendo, no qual a Batalha de rima influencia a educação de vivência das crianças, a experiência, a referência em âmbito cultural na arte, abarcam-se muitos assuntos para além da cultura, e por isso importa muito a representação da Batalha de Rima como educação e entretenimento, a criança tem um ideal que muitas vezes é perdido por conta das dificuldades da vida. No entanto, apesar das durezas da vida sobra tempo para contribuir com a esperança dos outros. Camaleão fala que na Capoeira se percebe a mesma situação, apesar das dificuldades, ela se apresenta como perspectiva de vida.

Dudson segue a leitura a respeito da acessibilidade a criança tem um ideal que muitas vezes é perdido por conta das dificuldades da vida.

Oto fala que os projetos arquitetônicos são caros, e o fazedor de cultura tem que realizar o todo, o braille em conteúdo transformado, sai hoje muito caro, e é preciso buscar parceira.

Deivison do Hip Hop pede para registrar que os editais tenham especificado uma obrigatoriedade de destinar uma porcentagem significativa do recurso do proponente, aos artistas locais e nortistas, porque já aconteceu, de um fazedor de cultura trazer um artista de fora que não é errado, mas gasta o recurso pagando esse de fora, e os artistas locais é um aperto de mão e uma merenda. É preciso ter uma valorização e respeito.

Há uma manifestação do SEBRAE no chat e Dudson pede que seja printado e posteriormente anexado a Ata (55 92 9251-0180) : Texto chat do theams - reunião 24/05 Cultura Popular –

“Boa Tarde, meu nome é Lilian Simões sou do Sebrae Amazonas e quero deixar registrado que o Sebrae quer apoiar o segmento do artesanato no processo de gestão, inovação e mercado. Durante anos o Sebrae tem trabalhado para desenvolver a cadeia produtiva e introduzir artesãos e seus produtos no mercado regional e nacional através de várias ações comerciais, inovação e gestão. O projeto reverencia o potencial criativos dos artesãos e busca promover a valorização a identidade cultural desses profissionais proporcionando desenvolvimentos socioeconômico oriundo da confecção e comercialização de peças ricas em valores simbólicos. O artesanato revela nossas raízes e desperta nas comunidades o entendimento de que a nossa cultura é viva e deve ser valorizada.”

Gabriel do HipHop fala das deficiências mentais que necessitam de conscientização em relação ao transtorno mental, não é preciso fazer rampa, importa esclarecer para que reduza o bullying em relação aos que necessitam desta sensibilidade.

Dudson fala da atenção aos editais, lembra do caso em que a pessoa perdeu o projeto pelo entendimento de que o equipamento cultural já era adaptado, mas não dizia como efetivamente iria atuar com a questão da acessibilidade.

Andarilha fala que é preciso pensar na acessibilidade como formação, é preciso mais de um dia para fazer isso, porque não é somente o físico, também precisamos de cuidados as deficiências não físicas.

Otto fala que é preciso preparar os avaliadores que vão ler os projetos, porque muitas vezes eles não sabem, não tem qualificação para lidar com a acessibilidade, e terminamos não conseguindo a devolutiva adequada e perdemos o projeto, há 6 conceitos relacionados à inclusão e é preciso que os avaliadores saibam deles.



Camaleão lembra que a maioria está optando pela porcentagem. Todos concordam.

André no online pede pra falar, para lembra que é preciso falar do meio ambiente, que se acrescente a democratização de informação em oficinas sobre o clima e é preciso que o poder público permita ferramentas a esse respeito. Marly reforça que a fala com a cultura e meio ambiente é de suma importância pois todos concordam que há mudanças que estão sendo sentidas. Finda sua fala dizendo que foi escolhida em porcentagem de 10% acolhida por todos que estão aqui.

Marly segue falando a respeito das cotas. Mapy Mura pede a palavra e afirma que é preciso aumentar a porcentagem de indígena para igualar aos negros, deixar 10% aos Trans e permaneça os 5% aos deficientes. Paulo pede a palavra para dizer que entende a demanda, mas que mesmo esse percentual já esteja determinado, é importante que precise que dentro da sigla os trans são os que demais sofrem.

Mapy Mura pede apenas que os grupos acessem esse local, quando diz 10% para os trans, é para que eles sejam contemplados em garantia de acesso, e caso elas não acessem, essas vagas retornem ao todo. Registra-se as cotas específicas para mulheres pois normalmente não há paridade. Marly esclarece que já há essa situação na Paulo Gustavo.

Todos despedem-se e agradecem.

	
Público virtual da reunião	Equipe técnica e público presencial

Esta ata, após lida com os presentes, vai assinada por mim e por todos.